Vol.1 Nº2

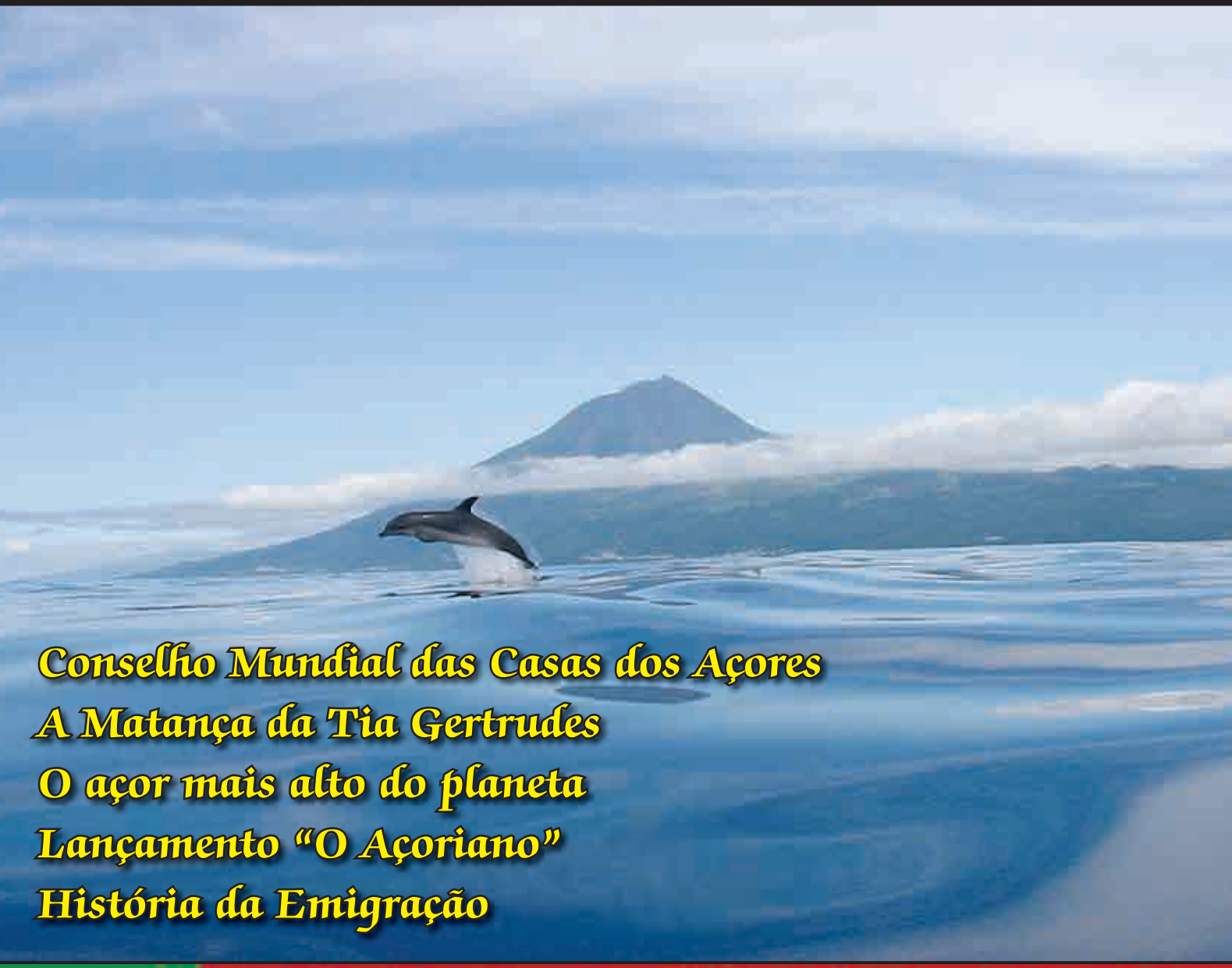
26 DE NOVEMBRO DE 2005

O Açoriano

Antes morrer livres que em paz sujeitos

Director: Mario Carvalho

Site Web: www.oacoriano.org



Conselho Mundial das Casas dos Açores

A Matança da Tia Gertrudes

O açor mais alto do planeta

Lançamento "O Açoriano"

História da Emigração

Grelhados tradicionais em carvão

Adega

★ Peixe
★ Mariscos
★ Aves

3124, Beaubien Este, Montreal (Qc)
Tel.: (514) 725-6285

O Açoriano

EDITOR:
AS EDIÇÕES MAR
4231, Boul. St-Laurent
Montréal, Québec
H2W 1Z4
Tel.: (514) 284-1813
Fax: (514) 284-6150
Site Web:www.oacoriano.org
E-mail: info@oacoriano.org

PRESIDENTE:
Sandy Martins
VICE-PRESIDENTE:
Nancy Martins

DIRECTOR:
Mario Carvalho
DIRECTOR ADJUNTO:
Antero Branco

REDACÇÃO:
Kevin Martins
CONCEPÇÃO E MONTAGEM:
Sylvio Martins

COLABORADORES:
Damião de Sousa
Guilhermo Cabral
Maria Calisto
Pe. José Vieira Arruda
Alamo de Oliveira (Açores)
Jorge da Rocha (Açores)
Jeremias Martins (Porto)

FOTOGRAFIA:
Michael Estrela
Ricardo Santos

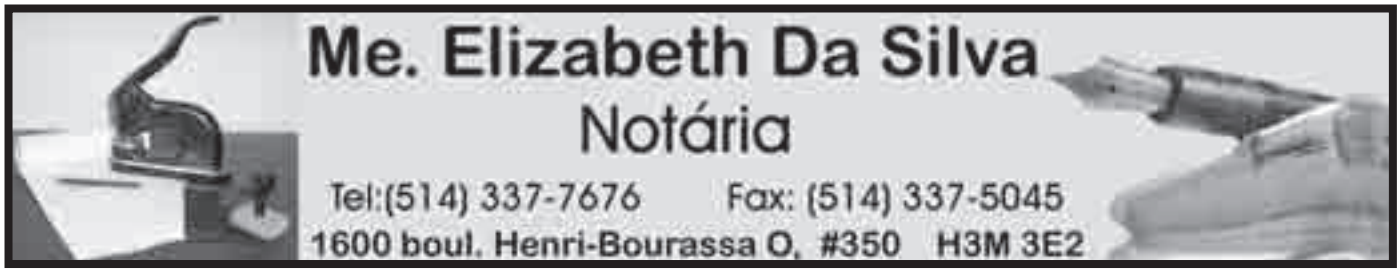
EDITORIAL

Os açorianos em Montreal sempre tiveram imenso trabalho para preservar as suas tradições e para transmitílas aos seus filhos e netos. Eu mesma, fui criada na cultura açoriana e admito a importância de manter contacto com as suas raízes.

Foto: Michael Estrela

Nancy Martins

Mas eu fiz uma viagem muito especial aos Açores este ano que veio mudar a vizão que eu tinha da cultura do Açoriano emigrante.
O Açoriano deixou a sua Terra há 40 ou 50 anos e manteve aquí as tradições que trouxe de lá. Mas o que eu estava a notar, e que provavelmente muitos já tinham notado também, é que pouco a pouco, as pessoas, principalmente os mais jovens estavam a desligar-se dessa cultura. Há uma razão para isso : muitos Açorianos esqueceram-se de ficar em contacto com a sua Terra.O que eu fui descobrir aos Açores, é que eles evoluiram : desenvolveram o comércio, o turismo, as índustrias… É hoje uma terra moderna onde há mais imigrantes que emigrantes.
O que significa que eles conseguiram revirar a situação de há 40 anos. É esta a missão deste jornal : fazer conhecer os Açores modernos. É claro que é importante manter a língua e as tradições, mas também é primordial conhecer a realidade de hoje. É isso que vamos tentar fazer para a comunidade.



Menos nascimentos nos Açores em 2004

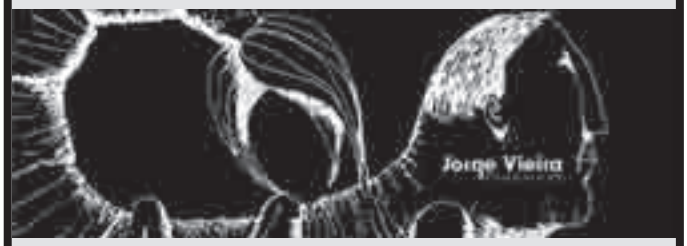
Os três hospitais dos Açores efectuaram 2.938 partos em 2004, menos 94 que em 2003, revelam as estatísticas da Saúde, agora publicadas pelo Serviço Regional de Estatística (SREA).

Segundo os dados do SREA, apenas no Faial se registou um acréscimo no número de partos, mais 16, face a 2003, (319/303) enquanto que em Ponta Delgada (1.908/1.850) e Angra do Heroísmo, (821/769) se registou uma redução de nascimentos superior a cinquenta unidades. Os números revelam ainda que, em 2004, existiam 350 médicos nos três hospitais dos Açores, 546 enfermeiros e 637 auxiliares de acção médica, 125 médicos e 365 enfermeiros nos Centros de Saúde e 26 médicos, 95 enfermeiros e 116 auxiliares nos estabelecimentos particulares. Por outro lado, foram socorridos 153.303 doentes nas urgências dos três hospitais dos Açores, menos 5.991 que em 2003, enquanto que foram atendidos 187.608 nas consultas externas daquelas unidades de saúde.Oftalmologia, cardiologia, pediatria, ginecologia e ortopedia foram as especialidades em que se registaram mais atendimentos.

No total, 12.477 indivíduos foram operados nos hospitais da Região em 2004, ainda segundo as Estatísticas de Saúde agora divulgadas pelo SREA. Já nos estabelecimentos de saúde particulares, foram efectuadas 3.596 consultas, em diversas especialidades médicas.

instituto açoriano de cultura — 50 anos IAC — www.iac-azores.org

DESENHOS DE JORGE VIEIRA



Dando continuidade ao seu projecto de exposições no domínio das artes visuais, o IAC-Instituto Açoriano de Cultura apresenta nos Açores a obra de Jorge Vieira, a qual é hoje uma importante referência no contexto da arte contemporânea da segunda metade do século XX, em Portugal. Com inauguração na próxima 5ª feira, dia 24 de Novembro, pelas 18h30, a exposição Desenhos de Jorge Vieira será apresentada na Academia das Artes Açores, em Ponta Delgada, onde estará patente até ao dia 17 de Dezembro. De acordo com Jorge Bruno, "o conjunto de desenhos que integra esta exposição é revelador de uma notável obra artística que deixou marcas numa geração e projectou o seu criador". Estas "esculturas desenhadas" são identificadoras de uma das várias vertentes criativas de Mestre Jorge Vieira e ilustrativas da sua genialidade.Jorge Vieira, um escultor de mãos impacientes, marcou com a sua obra a arte contemporânea da segunda metade do século XX, não só por ter defendido a ruptura com o que se fazia até então no campo das artes, mas também por ter introduzido novos conceitos de estética que deram um sério contributo para revolucionar a escultura contemporânea.

Depois de apresentada em Ponta Delgada, esta exposição estará patente ao público no Palácio dos Capitães Generais, em Angra do Heroísmo, de 13 de Janeiro a 3 de Fevereiro de 2006.

O Presidente da Direcção do IAC-
Instituto Açoriano de Cultura
Jorge Augusto Paulus Bruno

SILVA INC
COUVREUR - FERBLANTIER
Prop. ILDEBERT SILVA
Uma companhia para bem servir a comunidade
Residêncial - Comercial - Industrial
10434 L'archevêque, Montreal - Nord
Tel. 270-4764 ou 955-4012
Fax: 271-5250

Conselho Mundial Das Casas Dos Açores (CMCA)

Damião Sousa

A Casa dos Açores em Winnipeg, foi a Casa anfitriã que recebeu as Casas dos Açores espalhadas pelo mundo, para a sua VIII Assembleia Geral (AG) tal como estipulam os seus próprios Estatutos.

Para vos dar uma ideia da formação do CMCA e qual o seu objective, descrevo a declaração da Horta As Casas dos Açores reunidas no seu III Encontro, na Horta em Novembro de 1997, sob o patrocínio do Governo Regional dos Açores (GRA) através do Gabinete e Apoio as Comunidades Açorianas que reconhece nas referidas Casas Interlocutores privilegiados nas comunidades, deliberaram constituir o Conselho Mundial das Casas dos Açores nos seguintes termos:1. É criado o Conselho das Casa dos Açores; 2. É constituído pelas Casa dos Açores; 3. São membros fundadores do Conselho a Casa dos Açores de Lisboa.

Constitui objective do CMCA: a) Articular a Acção das Casas dos Açores entre si e entre estas e a Região; b) Reforçar o papel das Casas dos Açores naquilo que são os seus objectives comuns, designadamente no que representam de serviço as comunidades, na dignificação do seu nome e da Região, como agentes divulgadores e defensores dos valores e interesse dos Açores. c) Promover e intensificar a ligação com instituições e entidades oficiais e privadas portuguesas e particularmente açorianas e dos países e regiões de acolhimento; d) Emitir parecer, sem carácter vinculativo, quando solicitadas pelos órgãos do Governo próprio da Região, sobre assuntos de interesse específico dentro do seu âmbito de acção.

Compete igualmente ao CMCA analisar e aprovar eventuais candidaturas de outras Casas dos Açores. O Conselho Mundial tem Estatutos próprios desde o dia 13 de Novembro de 1997, os mesmos foram revisados por uma equipa de quatro Casas dos Açores em 2004 e aprovados em Assembleia Geral (AG) no Winnipeg no dia 13 de Novembro de 2005, precisamente, há oito anos, dia por dia. Como em todos os anos, o CMCA reúne-se em Assembleia Geral numa das Casas dos Açores por ordem de antiguidade das Casas e este ano a nossa AG teve lugar na Casa dos Açores do Winnipeg, Manitoba, nos dias 11, 12 e 13 deste mês, contando com a presença de todas as Casas que fazem parte deste Conselho, à excepção da Casa dos Açores de Santa Catarina (Brasil). Tivemos também, a honrosa presença da Alzira Silva, directora da Direcção Regional das Comunidades (DRC). O nosso encontro foi muito intenso e exaustivo, mas muito frutífero; foram três dias de trabalho que valeu a pena. O anfitrião, José dos Santos, dinâmico presidente da Casa dos Açores do Winnipeg, celebrava simultaneamente a Semana Cultural e o Conselho Mundial, o qual soube coordenar as duas actividades com muito requinte. Neste CMCA, foram debatidos diversos assuntos e um dos mais discutidos e comum a todas as Casas foram os JOVENS, como recrutar jovens para as Casas dos Açores, quer para sócios ou membros da direcção, quer para participarem nas nossas actividades, fomentando neles o gosto pela nossa açorianidade, mantendo e preservando a nossa cultura, as nossas raízes no seu país de nascimento

A Associação dos Pais de Montreal
congratula O Açoriano
e deseja-lhe muito êxito.
333, de Castelneau, Montréal (Qc) – 514 495-3284

REPORTAGEM

Conselho Mundial Das Casas Dos Açores (CMCA)

ou de acolhimento, exprimindo-se na língua que lhes seja mais fácil de dialogar entre si e que melhor se compreendem. Há que lhes dar espaço, abrir-lhes as portas ás suas ideias inovadoras e apoiá-los porque o amanhã a eles pertence, assim teremos continuadores e na certeza, porém que as Casas dos Açores manter-se-ão sempre vivas no país em que estamos inseridos. Estamos no século XXI e os Açores também mudaram radicalmente, porque não havemos de mudar também?

Neste VIII encontro das Casas dos Açores, para além da nossa Assembleia, estiveram presentes alguns convidados que se deslocaram expressamente para o nosso encontro e que passo a mencionar: O ilustre Professor José Carlos Teixeira, filho da cidade da Ribeira Grande, que muito nos orgulha, falou-nos da Emigração dos anos 50, havendo 1.500.000 de portugueses espalhados pelo mundo e que no Canada 70% dos portugueses são de origem açoriana, sendo a cidade de Toronto com a maior concentração e a cidade mais multicultural da América do Norte. Um outro ponto focado por ele, é o abandono escolar por diversas razões e são as cidades de Toronto e Montreal a problemática maior e a mais notável. Alzira Silva, directora da DRC do Governo Regional dos Açores, depois de nos ter ouvido atentamente, diz compreender o problema existente e que é comum a todas as Casas dos Açores, que são os jovens, mas também nos pergunta: o que fazemos nós para os incentivar. Há que haver mais abertura das Casas dos Açores e fazer algo de interessante para os cativar. Alguns pontos expressados pela Alzira Silva: "Que haja mais comunicação entre as direcções, comunicação umas com as outras casas e comunicação com os Açores". Das conclusões do CMCA, friso alguns pontos que julgo importantes: O Conselho Mundial, para melhor prosseguir os seus fins, deve ser estável, forte e coeso, para esse efeito, os membros que constituem as (Casas dos Açores) a) Devemos ser instituições com matriz comum por isso, os seus Estatutos, uma vez que são o instrumento que define essa matriz, devem ser os mais harmonizados entre si quanto for possível, sem prejuízo do respeito pelas características de cada Casa e da conformidade com as disposições legais vigentes no respectivo pais de acolhimento. Essa comunidade estatuária conseguir-se-á pela troca de Estatutos entre todas as Casas, com vista a análise e encontro das linhas orientadoras comuns a todas elas; b) As Casas dos Açores com o fim dos movimentos de Emigração, tendem em muitos casos a sofrer uma diminuição no seu número de associados e da respectiva participação nas actividades de cada uma. Que esse facto se deve, em grande medida, e na maioria dos casos, á falta de capacidade das Casas em fazer crescer o interesse dos jovens na sua vida associativa, bem como responder ás necessidades especificas desses jovens, atento o facto da sua maioria ter nascido ou pelo menus vivido muito tempo das suas vidas nos países de acolhimento.

Outro ponto de interesse:

Atribuir ao cidadão Pedro Resendes -PAULETA- a título extraordinário uma medalha do Conselho Mundial das Casas dos Açores do Mundo, pela forma briosa como prosseguiu a sua carreira, divulgando os Açores como poucos o fizeram, orgulhando os açorianos de todo o Mundo. Na sessão de encerramento do CMCA, estava presente S. Exa. O Sr. Embaixador de Portugal e no seu discurso louvou a acção das Casas dos Açores do Mundo pelo papel relevante que desempenham. Finalmente, coube ao Sr. Cônsul de Portugal em Winnipeg, Paulo Jorge de Melo Pimentel Cabral, filho da cidade da Ribeira Grande, de quem nos orgulhamos muitíssimo, encerrou solenemente, as jornadas do CMCA, havendo a entrega da Bandeira do CMCA ao novo presidente por interino do Conselho Mundial das Casas dos Açores, o Sr. João Luís Pacheco, presidente da Assembleia da Casa dos Açores da Nova Inglaterra e conselheiro das Comunidades nos Estados Unidos e Bermudas.

O Conselho Mundial das Casas dos Açores, realizar-se-á excepcionalmente no próximo ano, nos Açores, sob a responsabilidade do Governo Regional e coordenado pela Direcção Regional das Comunidades.

VOYAGE
algarve
681, Jarry Este, Montreal
Tel.: (514) 273-9638 / 277-1934
Uma força na comunidade

Super Especials
Novembro/Dezembro
partidas de Toronto
Lisboa a partir de 499$+TX
Porto a partir de 499$+TX
P. Delgada a partir de 499$+TX
Informe-se dos nossos especiais de aluguer de carros, hotéis, e mais..!

Haja Saúde Açoriano!

Mário Carvalho

Nada melhor para dar razão da sua existência como ter nascido para o mundo a partir da Casa dos Açores do Quebeque, como aconteceu no passado dia 28 de Outubro 2005, com o lançamento oficial da primeira edição da revista O Açoriano.

Foto: Michael Estrela

É um orgulho para toda a comunidade de origem Açoriana uma mais valia para todos saberem que a partir de agora, podem contar com a publicação mensal desta revista que se compromete a falar da nossa historia, origens e tradições, divulgar e promover os Açorianos do passado, presente e futuro.

Este Açoriano é nosso, é a nossa opinião, nossa alma; veio para nos servir e ajudar a crescer, justificar por que razões somos diferentes. Somos diferentes porque somos ilhéus; diferentes porque amamos a terra que treme e o mar que dá roncos; diferentes porque gostamos da Pátria Mãe, que nem sempre nos tratou e acarinhou como verdadeiros filhos, nos deixando abandonados no esquecimento durante muitos anos; somos diferentes porque temos um sotaque ou falamos de maneira diferente, mas nem por isso desgostamos de ser quem somos; diferentes porque o Governo da República Portuguesa assim o quis durante muitos anos - só precisava dos Açorianos para servir a pátria na guerra do ultramar, mas, com tudo isto, te perdoamos, Pátria, e nos orgulhamos de sermos portugueses. Na verdade, somos diferentes, porque somos amigos do amigo e gostamos de ajudar quem necessita da nossa ajuda. Ser-se Açoriano é possuir um coração maior do que o próprio corpo. É meu desejo que esta revista seja o símbolo da união e da força da nossa comunidade, à imagem do Pauleta que é um verdadeiro vencedor; emigrou para vencer e venceu, dignificando e orgulhando todos os Açorianos dispersos pelos quatro cantos do mundo. Iremos recordar o passado, divulgar o presente e projectar o futuro dos Açorianos a residir na diáspora, contamos com a colaboração de todos, necessitamos da vossa opinião e das vossas histórias vividas no decorrer dos anos.

Nesta edição, iremos falar de uma das mais belas tradições dos Açores, a festa da matança do porco. Na minha aldeia, era nos dois primeiros fins-de-semana de Dezembro que todas as famílias faziam a sua matança - era o início da preparação da festa do natal. Esta era uma altura de fartura de morcelas, chouriços, torresmos de vinha de alhos (caçoula), torresmos brancos, toucinho, etc. As crianças aproveitavam a bexiga do animal para jogar à bola. Nesta altura, nada se perdia. Já que quase sempre espreitava uma oportunidade de enfiar a cabeça dentro da caçarola e dar um desbasto nestes alimentos tão preciosos e necessários para a sobrevivência das famílias. O pobre é honrado pelo seu saber e o rico pela sua riqueza, por esta razão me sinto honrado por ter nascido pobre e feliz por fazer parte da viva deste pobre povo Açoriano. Podem e devem enviar as vossas opiniões para a redacção do Açoriano. Se têm fotografias originais ou histórias para contar; se gostaria de homenagear um familiar, uma pessoa amiga, enviem-nos, de certeza que tudo será avaliado e tratado com todo o respeito e dignidade. Orgulhe-se de ser quem é e de fazer parte desta nobre família O Açoriano faça o favor de ser feliz pelo amor à sua terra. Haja saúde Açoriano e até à próxima, 23 de Dezembro 2005.

HOMENS DA TERRA

GARCIA MONTEIRO, POETA AÇORIANO NA NOVA INGLATERRA (1859-1913)

O poeta Garcia Monteiro, de seu nome completo Manuel Garcia Monteiro, nasceu na Horta, ilha do Faial, em 1859, e morreu em East Boston em 1913.

Em 1881, com estudos feitos no liceu da sua cidade natal e alguma experiência no jornalismo literário, seguiu para Lisboa com o projecto de frequentar a Escola Politécnica, encontrar um espaço na vida literária da capital e trabalhar ao mesmo tempo para se sustentar e pagar os estudos. Não passou completamente anónimo pela capital, onde deve ter frequentado o Leão de Oiro e conhecido alguns dos seus frequentadores, entre os quais Fialho de Almeida e talvez Cesário Verde. Dificuldades de vária ordem, porém, forçaram-no a regressar à ilha passado pouco mais de um ano. Adquiriu então um prelo e fundou o jornal O Açoriano , que ele mesmo redigiu e compôs de 1883 a 1884, vendendo-o depois e emigrando para os Estados Unidos (Nova Inglaterra). Aqui, após uma tentativa fracassada de se fazer jornalista em New Bedford - adquirindo e redigindo um jornal para emigrantes intitulado o Luso-Americano , que o arruinou em pouco tempo (1884-85) -, conseguiu emprego em Boston, como tipógrafo auxiliar no Boston Herald , por um salário que mal lhe chegava para sobreviver. Conseguiu, não obstante, trabalhando de noite e estudando de dia, formar-se em Medicina (1887-1890). Exerceu, depois, clínica em Boston e em Cambridge, onde veio a morrer de uma pneumonia infecciosa, adquirida no exercício da sua profissão. Deixou colaboração em jornais e revistas dos Açores, do Continente, dos Estados Unidos e do Brasil (poesia, conto, crónicas) que (excepto, em grande parte, a poesia) se conserva ainda dispersa. Na juventude também escreveu para o teatro (duas comédias: Sem Cerimónia, representada na Horta em 1880, e Um Presente de Anos, que deixou inéditas), mas é como poeta humorista que, principalmente, se distingue, pela "correcção aristocrática" da forma, que o situa entre os melhores poetas do Parnasianismo português, e pelo "sarcasmo, que era uma das suas feições de mais relevo" e que ele "ocultava", diz Fialho de Almeida, "como a lâmina de um estilete florentino, em bainhas ou frases de cinzeladura surpreendente". Antes de emigrar, publicou um poemeto assinado com o pseudónimo de Álvaro Newton: O Marquês de Pombal, Lisboa, 1882, e um opúsculo de Versos, Horta, 1884, e já nos Estados Unidos, o livro das suas Rimas de Ironia Alegre, Boston, 1896, contendo três dezenas e meia das suas sátiras escritas na Horta, em Lisboa e em Boston, inéditas algumas e outras coligidas da imprensa onde andavam dispersas, na sua maior parte revistas "com o fim de dar ao livro uma inteira uniformidade de carácter", segundo o autor em Nota no fim do volume.

É oportuno lembrar aqui à comunidade açoriana da Nova Inglaterra que o Dr. Manuel Garcia Monteiro, antigo tipógrafo do Boston Herald, compôs e imprimiu ele mesmo em sua casa o livro acabado de citar, servindo-se de um pequeno prelo que adquirira para o efeito. No colofão, na folha final do formoso voluminho de pouco mais de uma centena de páginas, vêm indicados o número e o nome da rua dessa casa e o nome da cidade em que ficava: 186 Webster Street, East Boston, Mass. Não sabemos se essa Casa ainda existe nem se a antiga Rua Webster conserva o nome do historiador ou se se chama agora de outra maneira. Não valeria a pena a Casa dos Açores da Nova Inglaterra averiguar e fazer com que fosse colocada ali, na casa onde o poeta passou os últimos anos da sua vida, se ela ainda existir – ou mesmo na casa que a tiver substituído, se for o caso –, uma lápide assinalando que ali viveu um grande poeta da língua portuguesa nascido nos Açores?

Lançamento

Lançamento do O Açoriano no salão nobre da casa dos Açores Do Quebeque, António Vallacorba Director Adjunto do Jornal da Voz de Portugal, no uso da palavra desejando boas vindas ao O Açoriano, com votos de muito sucesso, António Vallacorba que ao longo dos anos tem promovido e divulgado a cultura Açoriana, autor do livro Peito Açoriano.

Foto: Michael Estrela

Foto: Michael Estrela

Casa de Móveis
ARCA
Servindo a comunidade
há mais de 40 anos
4117 Boul. St-Laurent, Montreal tel.: (514) 842-0591

Foto: Michael Estrela

No momento da apresentação do jornal de tipo revista, O Açoriano, os membros da direcção explicaram e deram a conhecer, todos os presentes, quais são os projectos futuros deste novo bébé da comunidade.

O Açoriano já nasceu e tem uma equipa jovem de dirigentes e colaboradores. Como podem ver na imagem ao lado esquerdo, estes foram os primeiros leitores deste novo jornal, O Açoriano que ficaram registados para a historia.

Foto: Michael Estrela

Brasil

Após a assinatura do Tratado de Tordesilhas em 1494, entre Portugal e Espanha, o governo de D. João V, tratou de imediato do reconhecimento geográfico do Brasil Meridional, articulando uma política de ocupação militar desta área brasileira. São exemplos desta ocupação a fundação do Forte Jesus, Maria, José, que esteve na origem da actual capital do Rio Grande do Sul e a criação da capitania da Ilha de Santa Catarina. A ocupação dos territórios do Sul do Brasil, consolidou-se com o envio de açorianos para povoar as regiões do sul do Brasil. Inerente a esta ocupação, esteve em 1750 a assinatura do Tratado de Madrid, em que os limites fronteiriços do Brasil foram delineados, como actualmente os conhecemos. A questão política de povoar o sul do Brasil aliada ao desejo de emigrar por parte dos açorianos, motivou a Coroa Portuguesa a incentivar a emigração de casais açorianos para o Sul do Brasil, nomeadamente para a Ilha de Santa Catarina e continente fronteiriço, traduzidas na Provisão Régia de 31 de Agosto de 1746, que permitia o alistamento e oferecia vantagens aos açorianos que desejassem emigrar. Iniciou-se desta forma uma corrente migratória dos Açores para o sul do Brasil.

Calcula-se que cerca de 6000 açorianos contribuíram para o povoamento do sul do Brasil. Em contrapartida e por essa altura, no Arquipélago dos Açores vivia-se uma situação de excesso de população e falta de terras.

A solução para este problema foi encontrada através da transferência de casais açorianos para o continente de S. Pedro, para assim garantirem para Portugal a posse do território.

Assim, a emigração açoriana para o Sul do Brasil teve início na 2ª metade do séc. XVII, embora se confirme a presença de outros açorianos "avulsos", nomeadamente em Santo António da Patrulha, desde 1734.

Em 1752, chegaram ao porto do Rio Grande os primeiros Casais Açorianos, também conhecidos como Casais de Número ou Casais d'El Rey.

Eram cerca de 4 000, tendo a maior parte vindo das ilhas Terceira, S. Jorge, Pico e Faial.

Note-se que o Rio Grande do Sul foi o último Estado brasileiro a ser ocupado pelos portugueses.

Os açorianos foram formando as primeiras povoações: Viamão, Porto dos Casais (parte da actual Porto Alegre), Rio Pardo, Triunfo, Taquarí, Santo Amaro.

Também Estreito, São José do Norte, Mostardas, Tavares, Conceição do Arroio (actual Osório), Santo António da Patrulha, tiveram a presença açoriana na organização das suas povoações.

Até 1753, estima-se que deram entrada nos Estados do Sul brasileiro, Rio Grande e Santa Catarina (que à data era apenas uma Capitania), cerca de 6 500 açorianos, número este que duplicou em 1756.

Actualmente, existem sinais evidentes da presença açoriana, principalmente nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O gaúcho, nome por que é conhecido o povo do Rio Grande do Sul, é o resultado da miscigenação de povos que formaram o Estado do Rio Grande.

A herança cultural açoriana na região é marcante e verifica-se, por exemplo, no falar cantado ou na utilização de formas de expressão como provérbios e adágios.

Estas não são mais do que um repositório de elementos (bibliografia açoriana, artesanato, trajes típicos, etc.) que relembram o passado, as origens e tradições dos emigrantes açorianos.

No entanto, a emigração açoriana no Brasil, não está circunscrita apenas a estes dois Estados pois podemos encontrar sinais marcantes da sua presença em Estados como a Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas, Pará e Paraíba.

Canadá

A emigração açoriana para o Canadá é muito recente, datando deste século, mais propriamente da década de 50. Em 1953, chegou o primeiro contingente de emigrantes portugueses oficialmente requerido pelo governo canadiano.

Destinavam-se sobretudo aos trabalhos agrícolas.

Esta emigração tardia, deveu-se em parte, aos acordos bilaterais de 1953, entre Portugal e o Canadá, sobre a entrada de emigrantes portugueses naquele país e também devido à erupção vulcânica dos Capelinhos, na ilha do Faial. No entanto, o contacto dos açorianos

Maria Alice Macedo
Correctora de seguros de prejuízo de particulares
Conselheira em segurança financeira
Silva Langelier & Pereira Inc.
Tel.: 514.745.0425
Tel.: 514.282.9976

com o Canadá remonta ao período da "descoberta" do continente norte-americano.

A pesca do bacalhau remonta a essa época pelo que, especialmente no litoral do Quebeque, atraiu pescadores de origem açoriana. Mais recentemente, já no século XX, a maior parte dos portugueses que deram entrada no Canadá era proveniente dos meios rurais.

No apelo à mão de obra portuguesa o governo canadiano pretendia preencher uma lacuna causada pelo êxodo das próprias populações rurais para o meio urbano. Segundo Henry-Nieves, no período compreendido entre 1953 e 1973, terão entrado no Canadá 91 583 cidadãos portugueses, sendo 61,2% originários dos Açores. Em poucos anos, a quase totalidade desses portugueses vindos da agricultura e a ela destinados, foi deixando o campo para se fixarem nos meios urbanos.

Os açorianos emigrados no Canadá fixaram-se sobretudo nas áreas de Montreal, Toronto e Vancouver, ocupando-se essencialmente de actividades relacionadas com as obras públicas, a indústria, os serviços, o pequeno comércio e alguma agricultura.

GEORGE PRENDA, C.A.
Contabilista diplomado
Ajudando a comunidade portuguesa a desenvolver-se e prosperar, dando-lhe a serviços profissionais.
Tel: (514) 232-3095 Fax: (514) 842-9153
4157, boul. St-Laurent (esq. Rachel)
Montréal, QC H2W 1Y7
Membre de l'Ordre des Comptables Agréés du Québec

Recordar um amigo e grande cantador do desafio

José Brites

António Medeiros nasceu a 15 de Janeiro de 1945, em Santa Bárbara, Além-Capelas, S. Miguel, Açores. Chegou aos Estados Unidos em 1970, e de Fall River, MA, partiu para a eternidade às 8:30 da manhã do dia 15 de Outubro de 2005.

O Medeirinhos, como alguns cantadores e outros amigos tratavam com ternura, viveu assim a maioria de sua vida em terra alheia, a terra do Tio Sam que o acolheu, e ele escolheu também como sua. Deixa esposa, Helena Medeiros, dois filhos e uma filha, assim como muitos familiares na América do Norte e Açores. Conheci o António em 1999, e ouvi-o cantar pela primeira vez a 11 de Abril do mesmo ano. Ano em que, alías, ouvi pela primeira vez na minha vida verdadeiras cantigas ao desafio. Em 2000 publicaria o meu primeiro livro de recolha de cantigas ao desafio, intitulado CANTIGAS AO DESAFIO NA DIÁSPORA, edição da Peregrinação Publications, uma colectânea de cantorias completas recolhidas in loco na Nova Inglaterra. Depois da edição dessa obra, conjuntamente com o cantador José Plácido (outro micaelense residente em Fall River), editaria através da mesma editora mais seis livros de cantigas. E o António Medeiros em todos está representado, quase sempre com cantorias completas, e mais, visto também me ter facilitado poemas da sua autoria, os quais foram igualmente publicados nalgumas dessas obras. Mas confesso que foram a sua simplicidade e amabilidade que permitiram o desabrochar de uma amizade rápida entre nós. Igualmente é-me grato dizê-lo, que o António e sua esposa sempre estiveram presentes nas minhas festas de S. Martinho, na Adega do Zé, local de sagradas e sãs amizades.

A última vez que o António esteve neste meu convívio anual foi em Janeiro de 2004, antes da doença o martirizar. Essa presença foi por sinal documentada e divulgada globalmente pelo programa Contacto, da RTPi, que de New Jersey veio para este efeito, (a abertura da aguapé), e para filmar uma cantoria que no dia seguinte teve lugar no Clube Santa Maria, East Providence, RI. Na noite da adega o António cantou o desafio com o José Custódio e o Gilberto Sousa, e ainda cantou o fado. Recordo hoje com saudade - dois dias após a sua despedida de entre nós, o Amigo António Medeiros, que vi pela última vez em sua casa no seu leito de morte, a 2 de Outubro do corrente mês. Altura em que me fez o favor de oferecer duas lindas quadras, as quais oferecerei ao público no meu próximo texto sobre este grande cantador, folião, poeta popular e romeiro, (chefe dos romeiros de Fall River), sobre o qual tenho tanto para dizer.

UN PEU DE NOUS...

Água de Pau (Açores, île de São Miguel)

Ce strato-volcan, d'une superficie de 166 km2, est situé au centre de l'île de Sao Miguel aux Açores. Cette île présente deux autres volcans actifs : le volcan Furnas et le volcan Sete Cidades.

Le volcan Agua de Pau culmine au Pico da Barrosa (950 m) et présente une caldeira allongée de 3 x 2,5 km, selon une direction Nord-Est - Sud-Ouest. Cette caldeira, dont les parois intérieures atteignent par endroits 300 m de profondeur, présente à la cote 578 m un lac : Lagoa do Fogo. Cette caldeira, due à la vidange d'une chambre magmatique, s'est formée il y a 15 000 ans. Les dépôts ont permis de retrouver et de dater cinq importantes éruptions, dont deux de nature plinienne. On distingue ainsi Fogo A (4600 ans B.P., volume émis 3,2 km3), Fogo B (3242 ans B.P., 0,63 km3) les éruptions C et D et l'éruption de 1563 (1 km3).

L'éruption de 1563

Après cinq jours de violents séismes, cette éruption débuta le 29 juin pour s'arrêter le 3 juillet. Une énorme colonne plinienne fut émise et les retombées, entraînées par des vents d'Ouest, recouvrirent la zone Est de l'île.

Selon un récit (Diluvio d'água e fogo que se fiz na ilha de S. Miguel, de que é capitão Manoel da Camara e Bispo D. Manoel d'Almedia; e isto aconteceu no ano 1563) :

« Il tomba tellement de pierres et de cendres sur les champs, il y en avait une épaisseur de 7 à 8 palmes et que sur les montagnes il y en avait bien davantage car toutes les vallées furent comblées sur une hauteur d'une lance de 28 palmes et plus et les maquis furent recouverts de telle façon que les arbres se trouvaient complètement ensevelis avec leurs branches.

Le samedi suivant les pierres tombèrent en plus grande abondance. Les habitants commencèrent à évacuer les communes les plus atteintes de la côte Nord, en se retirant vers l'Ouest et en poussant leur bétail devant eux pour ouvrir le passage en foulant les cendres et pour le manger en cas de manque de vivres.

Au bout de quelques lieues, un vent très fort souleva beaucoup de cendres, provoquant une grande obscurité et faisant croire aux fugitifs que leur dernière heure était venue...

circa Trientes Insulae

Uma dúvida que persiste e geralmente recebe como resposta um lugar comum velho, desactualizado e incorrecto é a origem do nome do Arquipélago dos Açores.

~ Então não se chama Açores porque há lá muitos açores, a ave?

A resposta comum e repetida sem profundidade analítica é a de que o nome deriva das aves de rapina de nome açor que existiriam nas ilhas em grande número e que os navegadores avistaram quando lá chegaram.

Mas é necessário esclarecer várias questões quanto a esta resposta imediata e incorrecta.

A primeira é a de que não há açores nos Açores (parece paradoxal mas é verdade). Nos Açores há uma ave de rapina a que os açorianos dão o nome de Milhafre (que é o símbolo da região presente na sua bandeira autonómica). Mas a ave açoriana não é nem um açor nem um milhafre.

Para esclarecer bem esta questão dos não-milhafres e dos não-açores, aqui vão as espécies que, sendo parecidas, não são a mesma.

Accipiter gentilis: O açor, que só existe em Portugal continental acima do Tejo e é um residente permanente.

Buteo buteo - a águia-asa-redonda, que habita Portugal (continente e ilhas) e é cada vez mais rara. Tem como característica a cauda redonda.
Buteo buteo rothschildi - a ave a que chamam «milhafre» nos Açores mas que é uma subespécie de águia-asa-redonda (como tal é semelhante fisicamente).

Accipiter nisus - o gavião, que passa o Inverno em Portugal continental

Milvus milvus - o milhano (ou milhafre real), que tem também a cauda forcada e existe o ano inteiro no continente português a norte do Tejo.

Tendo em conta as características físicas das diferentes espécies aqui apresentadas, parece de todo improvável que navegadores experientes, habituados a reconhecer no firmamento constelações e estrelas com as quais se orientavam, tenham confundido duas espécies de aves distintas, sendo ambas comuns nas suas terras de origem (tanto o açor como a águia-asa-redonda), sendo por isso do seu amplo (re)conhecimento.

A hipótese da confusão parece altamente improvável (até porque, se confundissem, teriam dado aos

Açores o nome de Águias-Asas-Redondas). A incorrecção do milhafre por parte dos habitantes regionais (que data das primeiras colonizações) é mais compreensível, não tendo muito deles os anos de experiência de observação dos navegadores (que conheciam bem as aves que observavam nos céus, uma vez que as costumavam usar como pontos de referência para a presença de ilhas no mar alto).

CENTRE DE MÉCANIQUE EDMOND
PROP. EDMOND MONIZ
- Mecânica geral
- Injecção, revisão, travões
- Antiferrugem a óleo
- Lavagem à mão
- Rebocagem
- Motor de arranque à distância
200 BOUL. DES LAURENTIDES (ESQUINA TOURANGEAU), LAVAL TEL.: (450) 663-8527

CRÓNICA DA MARIA

Maria Calisto

Nas próximas edições de O Açoriano, tentarei trazer algo de novo com a minha "Crónica da Maria". Na nossa comunidade, há muitas pessoas que conseguiram na vida devendo ultrapassar muitos obstáculos. Outros tentam ajudar a quem mais precisa. Tem pessoas que muito fazem para a comunidade e, infelizmente, não reconhecemos estes esforços.

Quando morremos, somos homenageados, mas todos estes anos que vivemos, nem sempre somos reconhecidos por aquilo que fazemos, por este êxito da vida. Todos os meses, O Açoriano vai tentar dar a conhecer o percurso destes Portugueses, destes Açorianos.

Se algum dos nossos leitores conhece alguma pessoa, viva ou infelizmente falecida, que fez algo para a nossa comunidade, contacte por favor o jornal - será um prazer para mim conversar com você.

Para esta edição, a primeira estrela é atribuída a um senhor da Água de Pau que tem um coração de ouro. O senhor Manuel Torres e seu convívio, os Naturais e Amigos da Água de Pau, todos os anos tentam ajudar organismos para crianças. O senhor Torres, um homem sensível, honesto, pai de uma linda menina de nove anos, é uma pessoa que nunca diz não quando é para ajudar, mesmo quando é um convidado. Todas as causas infantis podem contar com sua ajuda. Todos os anos, a festa da Vindima se difere das outras festas porque todos os lucros da festa são remetidos a um organismo caritativo. Em 2003, os lucros da festa da Vindima, 16 105 dólares, foi entregue à Casa do Gaiato e ao Instituto do Bom Pastor nos Açores. Este ano, os lucros serviram a ajudar o Cristo, este pequeno de oito anos com cancro. O senhor Torres e o Convívio de Água de Pau ajudaram muito esta família.

Se todos os anos os lucros da festa são para ajudar crianças, é porque para os organizadores, as crianças são tudo na vida, elas são o futuro. O senhor Torres e a sua esposa são dois seres que têm bom coração. Pessoas de respeito, pessoas sem maldade, pessoas que gostam de ajudar, mesmo outras organizações, que têm uma grande fé. O mais importante é que eles tratam as pessoas que lhes ajudam com respeito e nunca deixam de AGRADECER a comunidade pela ajuda, nem aos amigos, mesmo quando é um mínimo.

Se a minha primeira estrela foi-lhe designada, é porque eu acho a sua iniciativa (junto com o seu convívio) muito emocionante e admiro a sua sensibilidade nas causas das crianças. Ele não gosta de receber agradecimentos nem honor, nem que seja conferido a ele só o sucesso da festa – ele diz sempre que foi um trabalho de equipa, e não só dele. Ele reconhece os esforços de todos e tenta constantemente satisfazer os pedidos das pessoas que assistam à festa da Vindima.

Muitos parabéns aos Srs. Torres e José Froias, e a todos os que participaram na realização, na colaboração e, claro, àqueles que assistiram à festa da Vindima no passado dia 19 de Novembro.

Sr. Torres, Convívio dos Amigos de Água de Pau, até 2006, se Deus quiser. Felicitações pelo trabalho efectuado para as crianças que tanto precisam de ajuda. Não percam, na próxima edição de O Açoriano (23 de Dezembro), mais uma estrela na crónica da Maria.

O açor mais alto do planeta

Carlos Mendes, natural da ilha das Flores, foi o primeiro açoriano a subir um dos picos mais altos do Himalaias, o Island Peak.

Amigos e Naturais

Os Amigos e Naturais da Vila de Água de Pau saúdam *O Açoriano* pela sua iniciativa e deseja-lhe muito êxito.

A Tia Gertrudes descreve-nos a Matança

Isto agora, meu senhor, está tudo muito diferente, já se vende tudo feito. Por isso já nem toda a gente mata. Quando eu era rapariga, quando me criei, em casa de mê pai, todos os anos se matava um porquinho ou dois. Digo ao senhor que aquilo é que era uma alegria... Mesmo éramos uma casa de gente. Éramos oito ao todo: quatro rapazes e quatro raparigas. Mas era uma tortura numa casa, e a gente levava tudo na folia... «Canalha nova», leva tudo na galhofa. Mê pai quando matava era sempre de doze arrobas p'ra cima Ele tinha dedo p'ráquilo e caprichava. Mesmo como êle p'ra tratar de animais... Nunca vi.

Ele é que matava. Tinha cá uma certeza ao meter a faca... Meu irmão José, que era o abaixo do mais velho também sabia matar, mas nunca lhe chegava pelos calcanhares.

Enquanto os «hómes» chamuscavam, as mulheres distribuíam cálices de aguardente Depois dependurava-se o porco na cozinha.

As pessoas convidadas gabavam.

Estou a ver o Tio Francisco Balaio a «midir» o «toicinho» com o feno e a dizer p'ra me pai: Ó! Antonio! Tu inté parece que assopras os porcos... Mê pai ficava todo prezado. À noite a casa enchia-se de rapazes e raparigas e era um tal cantar e bailar. Foi num desses dias que eu namorei o «mê hóme» Tinha pouco mais de dezoito anos Me pai nân queria, nanja que êle fôsse mau rapaz Lá isso nân senhor... Porque êle graças a Deus foi sempre muito trabalhador. É que ainda nân tinha ido às sortes Mas 'táva destinado que era com aquele que havera de casar... E olhe o senhor que nunca me arrependi. Era uma «corte» de um rapaz Alto como uma torre «Hóme» duma cana só, o que agarrava era seu Aquilo morreu sem me ter dado a mais pequena «escandula» E olhe o senhor que tamém tinha o seu génio Olá se tinha?!... Mas... Onde é que eu ia... Quando começo a falar... e depois este juízo «amodes» que já anda meio «escangalhado». Ah! Sim, Senhor!

É isso mesmo... À noite cantava-se e bailava-se «por alma duma caixa velha». Pois era o que minha mãe destinava... Ou matava-se galinhas... Ou molho de feijão... e à noite já se comia morcela e debulho. No outro dia, no dia de desmanchar, comia-se já sarapatel e torresmos de «toicinho». Mê pai então era um hóme muito franco, queria era que se gastasse. Ele mesmo dizia, que quando tinha pouco, o melhor era não oferecer. Minha mãe, essa então era mais inzoneira, p'ra lhe sair qualquer coisa das mãos, era um penar... Depois do porco desmanchado, derretia-se o toicinho para a gordura e prós torresmos e preparava-se as carnes p'rás linguiças e salsichas. Por «derradeiro», meu pai ia à cidade às casas daqueles «meus senhores» a quem devia favores e que tinham livrado meus irmãos do «Castelo», a levar os «presentes».

Poisava em cada prato uma posta de carne, um «padaço» de «toicinho», e uma morcela, punha o prato em riba dum pano branco e amarrava-o por cima com as quatro pontas. Botava-os dentro de uns cestinhos de asa, e ala... ia meu pai p'rá cidade de carroça, mais um dos meus irmãos.

Belos tempos...
Isto agora já está tudo mudado...
Os tempos são oitros...

PATISSERIE LAJEUNESSE
Prestígio e qualidade em padaria e pastelaria
Faça já a sua encomenda, visitando-nos no 533 Gounod, em Montreal
Tel.: (514)272-0362